

Transições Educativas e Travessias na Adolescência

Vlória Jamile Santos Jucá (Universidade Federal do Ceará)

Lys Maria Vinhaes Dantas (Universidade Federal da Recôncavo Bahia)

Olivia Maria Costa Silveira (Secretaria Municipal de Educação de Pojuca)

O presente trabalho destaca temas apontados por adolescentes recém-ingressos no sexto ano de uma escola pública da Bahia, como sendo relevantes na transição que se encontravam vivenciando. Tais questões emergiam no cruzamento da transição educativa relativa à passagem do 5º para o 6º ano com elementos que surgiam com a puberdade e, potencialmente, com o despertar da adolescência, vivida em um contexto de vulnerabilidade social. Tais temas surgiram em rodas de conversa realizadas com eles, durante a etapa diagnóstica do projeto “Sexto ano, transições e participação: diagnóstico e intervenção no Colégio Municipal Presidente Castelo Branco, Pojuca, Bahia”, cujo propósito foi criar um modelo de apoio à transição do ensino fundamental anos iniciais para os anos finais.

Para investigar o processo de transição do 5º para o 6º ano do Fundamental, adaptamos o conceito de afiliação desenvolvido por Alain Coulon, em seu livro “A condição de estudante: a entrada na via universitária”, para tratar da passagem do ensino médio para a educação superior. De acordo com Coulon (2008), na transição para o ensino superior, o estudante cria estratégias para pertencer ao novo contexto, através do que ele denomina como afiliação institucional e afiliação intelectual. A primeira envolve entender os espaços e as regras da instituição, enquanto a segunda diz respeito aos conteúdos e aos novos esquemas de aprendizagem. Importante entender que esse processo não ocorre de modo natural, exige um trabalho por parte do estudante, podendo ou não ser facilitado por processos institucionais. No caso da passagem do 5º para o 6º ano, os desafios na construção de uma afiliação geralmente estão atrelados à mudança de escola, à passagem de um professor de referência para a pluridocência e ao fato de que as dificuldades relativas à aprendizagem no ciclo anterior costumam eclodir no 6º ano.

Entendemos que a passagem para o sexto ano precisa ser cuidada por envolver duas travessias e respectivamente dois trabalhos psíquicos: o da afiliação e o relativo à adolescência, entendida como operação através da qual cada um busca inscrever-se através de novos significantes no campo do Outro (LESOURD, 2004). Trata-se de um

trabalho de construir para si um novo lugar no campo social, além daquele inicialmente ofertado na infância, comumente, pela família. A adolescência pensada como uma operação “implica um remanejamento da organização psíquica e da relação do sujeito com o mundo”. (LESOURD, 2004, p. 14).

Para a psicanálise, a adolescência tem como ponto de partida os fenômenos pubertários que colocam em jogo as mudanças vivenciadas na imagem corporal e na relação com a alteridade (ALBERTI, 2009). Interessante, observarmos a existência de uma coincidência temporal entre a passagem do 5º para o 6º ano com a eclosão das mudanças decorrentes da puberdade. Destacamos ainda que entendemos ser a adolescência um fenômeno cuja existência e o modo pelo qual é vivido depende de um contexto sócio-cultural (LE BRETON, 2011). Ademais, as desigualdades sociais colaboram para a produção de adolescências diversas. Na mesma direção de Guareishi (2012), não comungamos com ideias essencializadas acerca da adolescência. Os jovens que se afirmaram como adolescentes nos nossos encontros, assim o fizeram porque se pensam a partir das referências socioculturais as quais pertencem. Traremos, a seguir, dos temas que surgiram acerca da adolescência e da afiliação à escola pública do Ensino Fundamental Anos Finais, nas rodas de conversas, realizadas durante a etapa de diagnóstico da pesquisa.

As rodas de conversa foram realizadas no início de 2020. Aconteceram três rodas com alunos do 6º ano. Além destes momentos, foram oferecidas duas oficinas de desenho livre e duas oficinas de fotografia, e uma nova roda de conversa com “repetentes”. Apresentamos a seguir os temas presentes na fala dos estudantes e, de modo breve, as questões a eles agregadas:

- 1) *Lutos* – as narrativas envolvendo o luto apareceram sobretudo durante uma dinâmica de apresentação através de músicas com as quais cada um se identificava. Nesse momento, vieram à tona lembranças de pessoas próximas que haviam falecido, por vezes, em decorrência da violência. A tristeza e as saudades vieram à tona e nos fizeram pensar na intensidade com a qual as perdas são vividas e na ausência de espaço para elaborar tais perdas, as quais se tornam parte do cotidiano de algumas comunidades.
- 2) *Sexualidade* – nas rodas, apareceram conversas sobre os primeiros beijos, bem como sobre as primeiras experiências de “ficar”. Comentários sobre a orientação sexual dos colegas também se fizeram presentes. A classificação entre quem era heterossexual e quem era homossexual surgiu e tivemos uma

situação mais delicada, por conta de comentários homofóbicos por parte de um participante. Com relação a esse episódio, percebemos que o adolescente em questão estava à vontade para dizer o que pensava, sendo muito ativo no grupo. No entanto, seu comentário também se articulava a um movimento de responder a partir de um lugar com o qual o referido aluno vinha se identificando – o daquele que causava confusão. O comentário do aluno, de qualquer sorte, levou a um diálogo interessante entre ele e outros componentes da roda, mediado pelas moderadoras. Consideramos que a fala homofóbica oportunizou a circulação de palavras e uma discussão que não pode ser evitada ou silenciada no contexto escolar.

- 3) *Território* – o território apareceu no discurso dos adolescentes atrelado a duas questões muito centrais. A primeira era referente a começar a sair de casa (em especial, para as festas) sem os pais e frequentar os espaços nos quais se encontravam para “beijar”. Como cenário das experimentações sexuais, as praças apareceram como lugar de destaque. O segundo ponto dizia respeito a violência que se distribui de modo desigual pela cidade e coloca bairros distintos ou pedaços de um mesmo bairro em relação de conflito, em decorrência das disputas de facções. Quando de algum modo o bairro onde moravam vinha para o centro das discussões, os jovens reconheciam facilmente as áreas consideradas mais problemáticas e isso suscitava muitos relatos acerca das vivências que tinham com a violência presente nos territórios, sobretudo, os mais vulneráveis.
- 4) *Violência* – como é possível perceber, esse foi um tema transversal, muito presente nas conversas. A violência mais falada foi aquela associada às disputas entre facções. Os adolescentes trouxeram relatos de situações nas quais presenciaram tiroteios e mortes. Abordaram também a violência no contexto escolar. A demanda para elaborar tais situações ficou muito visível nas rodas. Importante considerar que, não obstante seja parte do cotidiano, a violência não deixa de ser causa de sofrimento e de medo. As narrativas demonstram que os jovens não se acostumam com a violência e que a mesma produz efeitos no modo como subjetivam seus territórios.
- 5) *Transição para o sexto ano* – novamente a temática da violência retorna, pois, antes de entrar na escola onde estavam cursando o 6º ano, eles haviam escutado rumores de que, nessa instituição, havia muitos estudantes

vinculados ao tráfico. Além de se tratar de um escola muito grande, diferente das instituições de ensino de onde a maioria era proveniente, é fato que em um dado momento a escola adquiriu, na cidade, a fama de ser um lugar violento. Em parte, por episódios que realmente aconteceram no contexto escolar. No entanto, nos últimos anos, foi feito um grande esforço da gestão municipal, sobretudo, investindo mais na escola a fim de modificar a realidade que se apresentava. A imagem que circulava da escola na cidade, contudo, ainda era associada à violência. Os estudantes relatam que seu temor iniciava no transporte escolar, passava pela fila da merenda e dizia respeito ao temor que tinham de serem obrigados a usar “drogas”. A entrada na escola, no entanto, modificou a imagem inicial, compartilhada pelas famílias e comunidade, mas episódios significados por eles como violentos ainda acontecem no contexto escolar. Falam de colegas que dão “tapas”, cortam o cabelo de outros adolescentes com estilete e praticam bullying. Sobre como controlar a violência, eles se dividem acerca de ter ou não a presença da polícia militar na escola como forma de controle. Esse debate se deu porque há policiais na entrada da escola.

- 6) *Adolescência* – Como se tratava de estudantes entre 11 e 12 anos, visivelmente eles se encontram em momentos diversos no tocante à puberdade. Assim, alguns se encontravam já vivenciando questões relativas à adolescência, enquanto outros se posicionavam de modo mais próximo ao infantil. De qualquer sorte, a adolescência foi associada aos namoros e às mudanças corporais, além também de como são percebidos pela alteridade, sobretudo, pelos pais. De qualquer sorte, namoro foi o significante mais referido como sendo definidor da adolescência. Segundo uma das entrevistadas, adolescência é “namorar com muita *gentes*”. Tivemos também meninas que se declararam apaixonadas e comentaram estar compartilhando esse sentimento pela primeira vez, ali, na roda de conversa.

Os participantes, durante os encontros, falaram da necessidade que sentem em contarem com espaços nos quais possam falar do que lhes causa inquietação e aproveitaram bastante o momento da roda que lhes foi ofertado. Afirmaram que gostariam de ter outras oportunidades para falar, com a garantia de que seriam efetivamente escutados. Essa demanda foi considerada no Modelo de Apoio à Transição desenvolvido

com apoio das Fundações Carlos Chagas e Itaú Social. O mesmo encontra-se em fase de finalização, mas já foi incorporado como política pública municipal.

Referências

Alberti, S. **Esse sujeito adolescente**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/Contra Capa, 2009.

COULON, Alain. **A condição de estudante**. A entrada na vida universitária. Trad. de Georgina Gonçalves dos Santos e de Sonia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.

GUARESCHI, N. Infância, adolescência e a família: práticas PSI, sociedade contemporânea e produção de subjetividade. In JACÓ-VILELA, A.M., e SATO, L. (Orgs). **Diálogos em psicologia social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 254-268.

Le Breton, D. **Une brève histoire de l'adolescence**. Paris: J.-C Béhar, 2011.

Lesourd, S. **A Construção Adolescente no Laço Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004